

PESQUISA-AÇÃO-EDUCATIVA JUNTO A ADULTOS EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA.

Janaina Michelini (UNESP – Bauru)

Marilia Freitas de Campos Tozoni-Reis (UNESP – Botucatu)

RESUMO:

O texto aqui apresentado traz o relato de uma parte do estudo de educação ambiental – **em desenvolvimento** - com adultos em processo de alfabetização sob a metodologia da pesquisa-ação-participativa junto ao curso de pós-graduação em Ensino para a Ciência da UNESP/Bauru – nível mestrado. Para o desenvolvimento deste estudo, realizamos diferentes atividades com o grupo participante, entre elas, a construção de textos coletivos e individuais, orais e escritos, com o objetivo de resgatar as vivências dos sujeitos participantes, não apenas as vivências pessoais, mas também sociais, familiares e grupais, considerando as interações com o ambiente em que vivem. Os materiais produzidos nessas atividades auxiliaram no processo de alfabetização do grupo participante, com a proposta de desenvolver um estudo em que o processo educativo ambiental e o processo de alfabetização de adultos estivessem intimamente atrelados, pois ambos buscam a autonomia dos sujeitos, a partir de uma postura crítica diante da atual realidade. Além disso, a utilização desses materiais no processo de alfabetização possibilitou que esses participantes aprendessem “a ler a palavra a partir de suas próprias leituras de mundo”. Sendo assim, este estudo possibilitou a produção de conhecimentos em duas dimensões: conhecimentos acadêmicos e conhecimentos produzidos pelo grupo participante. Os conhecimentos acadêmicos referem-se à leitura que fazemos, resultado de observações e análises, do processo educativo ambiental vivido em parceria com um grupo de alfabetização de adultos. A outra dimensão, dos conhecimentos produzidos pelo grupo participante, refere-se ao resultado das discussões coletivas sobre as condições sociais do próprio grupo, em particular das relações existentes entre as histórias de vida dos participantes e a estrutura da sociedade em que estão inseridos, considerando a dinâmica do atual sistema. Para esses sujeitos, que geralmente não têm existência política garantida na sociedade, o interesse e a valorização daquilo que são trouxeram à tona os seus valores, as suas experiências pessoais e os seus sonhos. A problematização da exclusão, a valorização dos sujeitos e o processo de alfabetização foram tomados como eixos fundamentais da investigação e

das ações educativas realizadas. Dessa forma, este estudo contribuiu para evidenciar a necessidade de tratar esses sujeitos alfabetizando-os em toda a sua complexidade, incluindo-os, assim como suas relações sociais, como participantes ativos de um processo educativo cujo objetivo é a superação da marginalização.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental, Alfabetização de Adultos, Pesquisa-Ação-Participativa.

ABSTRACT:

The text presented here brings the story of a part of the environmental education study – **in development** – with adults in literacy process under the action-participative-research methodology related to the Education for the Science of the UNESP/Bauru post-graduation course – Master degree. For the development of this study, we carry through different activities with the participant group, among them, the construction of collective and individual texts, verbal and written, with the objective of rescuing the participant's experiences, not only the personal experiences, but also the social, familiar and group ones, considering the interactions with the environment where they live. The materials produced in these activities had assisted in the participant group literacy, with the proposal to develop a study where the environmental educative process and the adults literacy process were leashed, therefore both search for the citizens' autonomy, from a critical position regarding the current reality. Moreover, the use of these materials in the literacy process made possible that these participants learned "to read a word from their own readings of the world". Then, this study made possible the production of knowledge in two dimensions: academic knowledge and knowledge produced for the participant group. The academic knowledge refers to the readings that we make – resulted from comments and analyses – of the lived environmental educative process in partnership with a group of adults literacy. The other dimension, related to the knowledge produced for the participant group, consists in the result of the collective quarrels about the social conditions of the group itself, in particular of the existing relations between histories of the participants life and the society structure where they are inserted, considering the current system dynamics. For these citizens, who generally do not have a political existence assured in the society, the interest and the valuation of what they are, brought up their personal values, their experiences and dreams. The

quarrel of the exclusion, the valuation of the citizens and the literacy process had been taken as basic axles of the inquiry and the carried through educative actions. In such a way, this study contributed to evidence the necessity to treat these literacy citizens in all their complexity, including them, as well as their social relations, as participant assets of an educative process whose objective is the overcoming of exclusion.

KEYWORDS: Environmental Education, Adults Literacy, Action-Participative-Research.

INTRODUÇÃO:

O século XXI nos apresenta um desafio urgente: o enfrentamento da atual crise sócio-ambiental que foi construída historicamente, mas que agora atinge o seu ápice, colocando a vida do planeta em risco.

Neste contexto, a educação ambiental (EA) vem se consolidando como um importante instrumento para a superação desta crise. Ao analisarmos o histórico da EA, podemos perceber que este movimento educacional é relativamente recente. No entanto, embora recente, existem, atualmente, diferentes concepções de educação ambiental que orientam as ações e as intervenções dos educadores. Dentre elas, educação ambiental crítica propõe um movimento complexo, que perpassa os diversos segmentos da sociedade, envolvendo inúmeros atores e questionando as relações sociais, políticas e econômicas estabelecidas (LOUREIRO, 2006). Diante desta complexidade, definir a EA não é uma tarefa fácil, porém, muitos autores têm contribuído para a área, propondo diferentes definições.

Para Ab'Saber (1994), a educação ambiental é “um processo de Educação que garante um compromisso com o futuro”. Para Reigota (1995), a educação ambiental é:

Uma educação política, fundamentada numa filosofia política da ciência da educação antitotalitária, pacifista e mesmo utópica, no sentido de exigir e chegar aos princípios básicos de justiça social, buscando uma nova aliança com a natureza através de práticas pedagógicas dialógicas. (REIGOTA, 1995, p.61)

Considerando esta concepção de educação ambiental, podemos concluir que a transmissão de informações e o incentivo a mudanças individuais de comportamento

não são suficientes para o enfrentamento da atual crise ambiental e refletem uma forma simplista de compreender o processo educativo. Para que haja uma transformação real, é necessário compreendermos que “não existe uma autonomia absoluta do sujeito, pois este não possui o comando absoluto de suas práticas individuais e sociais. Nós somos uma síntese de nossas características individuais e hereditárias na interação com os padrões da sociedade à qual pertencemos” (GUIMARÃES, 2006).

A educação ambiental é, portanto, um movimento coletivo, político, crítico e, conseqüentemente, transformador. Neste processo educativo deve-se incluir a busca pela autonomia dos sujeitos e de suas comunidades, a partir da apropriação dos conhecimentos historicamente produzidos e da reflexão crítica sobre as próprias condições de vida destes sujeitos, considerando o processo histórico que levou à formação da sociedade atual.

Sendo assim, a EA é, em sua natureza, uma vertente da educação. Saviani (1994) define educação como “o ato de produzir direta e intencionalmente em cada indivíduo singular a humanidade que é, histórica e coletivamente, produzida pelo conjunto dos homens”. E, ainda segundo Saviani (1997), “a educação é inerente à sociedade humana, originando-se do mesmo processo que deu origem ao homem. Desde que o homem é homem, ele vive em sociedade e se desenvolve pela mediação da educação”.

Sendo inerente ao homem desde a sua origem, naturalmente, a educação é um direito de todos os seres humanos. Na Constituição Federal Brasileira este direito está assegurado: “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: ensino fundamental, obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria.” (Artigo 208, inciso I).

No entanto, quando nos deparamos com a realidade nas diferentes cidades brasileiras, podemos perceber que muitas pessoas não tiveram este direito assegurado no passado e muitas ainda não o têm atualmente. Dados do IBGE (2005) mostram que a taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade no Brasil é de 11%. Considerando que, ainda segundo o IBGE (2005), a população atual do Brasil é de 188.659.153, podemos concluir que 20.752.506 cidadãos brasileiros não são alfabetizados. Já a taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade na Região Sudeste é de 6,5%. Esta região apresenta 78.472.017 habitantes. Portanto, podemos concluir que cerca de 5.100.681 cidadãos desta região não sabem ler e escrever.

Por outro lado, o censo escolar realizado pelo INEP em 2005, mostra que 3.395.550 de pessoas estavam matriculadas no curso supletivo de educação de jovens e adultos presencial em todo o Brasil e mais 502.267 pessoas estavam matriculadas no curso supletivo de educação de jovens e adultos a distância, totalizando 3.897.817 pessoas. Se compararmos este número com o total de pessoas sem escolaridade no Brasil, podemos perceber que apenas 18,8% dos cidadãos que não tiveram acesso à educação em idade própria, estão tendo a oportunidade de estudar.

Ainda segundo os dados do INEP (2005), no estado de São Paulo, o número de matriculados no curso supletivo de jovens e adultos era de 1.136.873 em 2005. Já em Botucatu, município em que este estudo foi realizado, o número de matriculados neste curso era de 2.664 pessoas no mesmo ano. Estas informações mostram que, mesmo no Estado de São Paulo, considerado um dos mais desenvolvidos do país, a falta de escolarização está presente e precisa ser enfrentada.

Estes números refletem, também, uma realidade de exclusão social. São pessoas, gentes, sujeitos, seres humanos marginalizados pela sociedade que não têm o domínio sobre o seu próprio processo histórico. Neste contexto, a alfabetização, então, é uma importante ferramenta para a superação desta marginalização. É importante ressaltar que a idéia de alfabetização aqui considerada é a defendida por Freire (1967) como “levar o homem iletrado não à letra em si (letra mortal ou letal), mas à consciência de si, do outro, da natureza. Essa consciência é o verdadeiro vestibular das Ciências dos Homens, das Ciências da Natureza, das Artes e das Letras. Sem ela, o letrado cairá no mundo do receituário e da manipulação”.

Considerando isso, podemos perceber que o processo educativo ambiental e o processo de alfabetização de adultos podem estar intimamente atrelados, pois ambos buscam a autonomia dos sujeitos, a partir de uma postura crítica diante da atual realidade. Sendo assim, o texto aqui apresentado traz o relato de uma parte do estudo de educação ambiental – **em desenvolvimento** - com adultos em processo de alfabetização sob a metodologia da pesquisa-ação-participativa junto ao curso de pós-graduação em Ensino para a Ciência da UNESP/Bauru – nível mestrado.

METODOLOGIA

Desde os tempos antigos a humanidade busca compreender o meio onde vive. Como consequência desta busca, surgiu a ciência, como uma forma de, a partir de modelos, entender o mundo em que vivemos, seus fenômenos, seus processos e as

relações existentes entre todos os seres que o habitam. Para isso, os cientistas estabeleceram uma linguagem fundamentada em conceitos, métodos e técnicas (MINAYO, 1994).

No entanto, embora saibamos que qualquer conhecimento é apenas uma aproximação da realidade, temos que considerar as grandes diferenças existentes entre as ciências naturais e as ciências sociais. Sabemos que é impossível realizar uma pesquisa objetiva nas ciências sociais segundo o modelo da objetividade das ciências exatas e naturais, pois, como nos ensina Minayo (1994):

A pesquisa nessa área lida com seres humanos que, por razões culturais, de classe, de faixa etária, ou por qualquer outro motivo, têm um substrato comum de identidade com o investigador, tornando-os solidariamente imbricados e comprometidos. (MINAYO, 1994, p.14)

Essas idéias nos fazem questionar o uso das metodologias objetivas semelhantes às das pesquisas naturais na área das ciências educacionais, como a da educação ambiental. Sob os procedimentos das metodologias “objetivas”, estaríamos reduzindo as interpretações subjetivas, o que acarreta em análises não contextualizadas do objeto, isentas de conotação política (DEMO, 1992).

Outro aspecto a ser considerado é que os fenômenos e os processos sociais são marcados pela subjetividade, especificidade e diferenciação e, portanto, se os tratássemos com normas pré-estabelecidas, como nas ciências naturais, poderíamos empobrecer os objetos de estudo, considerando apenas uma face da realidade. Por outro lado, se déssemos espaço para uma flexibilização metodológica total, poderíamos estar abandonando a idéia de cientificidade, o fazer ciência, pois não teríamos parâmetros para extrapolar ou comparar as conclusões da pesquisa com outras realidades.

Considerando-se isto, pode-se afirmar que a pesquisa em educação deve ser essencialmente qualitativa, de forma que interprete as manifestações humanas considerando as suas crenças, percepções, sentimentos e valores, mas sem excluir os possíveis dados quantitativos gerados na pesquisa (ALVES, 1991).

Tendo como referência a pesquisa qualitativa, a metodologia utilizada no desenvolvimento deste estudo foi a pesquisa-ação-participativa que, para Demo (1989), é uma metodologia alternativa voltada para a ligação indestrutível entre teoria e prática. Ainda sobre as metodologias alternativas o autor argumenta:

Diante de caminhos surrados da metodologia científica, que estabelecem o primado do método sobre a realidade, as metodologias alternativas procuram andar ao contrário, ou seja, partir da realidade social na sua complexidade, na sua totalidade quantitativa e qualitativa, na sua marcha histórica humana, também dotada de horizontes subjetivos, e depois construir métodos adequados para captá-la e transformá-la. (DEMO, 1989, p.229)

Usaremos o termo “pesquisa-ação-participativa”, pois toda pesquisa-ação é, necessariamente, participativa, já que a participação das pessoas implicadas nos problemas investigados é absolutamente indispensável. No entanto, nem toda pesquisa participante é pesquisa-ação, isso porque pesquisa participante é, em alguns casos, um tipo de pesquisa baseado numa metodologia de observação participante na qual os pesquisadores estabelecem relações comunicativas com pessoas ou grupos da situação investigada com o objetivo de serem melhor aceitos (THIOLLENT, 2000). Para este autor há três aspectos atingidos pela pesquisa-ação: resolução de problemas, tomada de consciência e produção de conhecimento.

Esta metodologia permite, portanto, o desenvolvimento de uma pesquisa por e para o grupo que está sendo estudado, tendo como ponto de partida os conhecimentos e as representações do próprio grupo. Desta forma, o conhecimento acadêmico tem condições de interagir com o conhecimento popular, conciliando a ação e o caráter investigativo da pesquisa na produção de conhecimentos. Para Santos (2004):

A pesquisa-ação consiste na definição e execução participativa de projetos de pesquisa, envolvendo as comunidades e organizações sociais populares a braços com problemas cuja solução pode beneficiar dos resultados da pesquisa. Os interesses sociais são articulados com os interesses científicos dos pesquisadores e a produção do conhecimento científico ocorre assim estreitamente ligada à satisfação de necessidades dos grupos sociais que não têm poder para pôr o conhecimento técnico e especializado ao seu serviço pela via mercantil. (SANTOS, 2004, p.75)

Tozoni-Reis (2003) lembra que a pesquisa-ação-participativa possibilita uma intervenção social, uma característica que não pode ser desvalorizada na organização das atividades de pesquisa em EA, pois considera que educação ambiental é uma

estratégia de intervenção democrática na organização social dos indivíduos para garantir uma relação responsável com o ambiente em que vivem.

Quanto à metodologia da pesquisa-ação-participativa, segundo Vasconcellos (1997), deve-se “combinar a participação comunitária na tomada de decisões com métodos de pesquisa social e antropológica, procurando integrar as alternativas de análise e de solução dentro do mesmo processo investigativo para a mudança de estruturas sociais”. Considerando isso, este trabalho traz o relato de uma parte do estudo desenvolvido sob a metodologia da pesquisa-ação-participativa com adultos em processo de alfabetização, tendo a educação ambiental como referência.

Os encontros presenciais com o grupo participante aconteceram entre os meses de agosto e dezembro de 2006. O estudo encontra-se, agora, em fase de análise dos dados e produção da dissertação. Aconteceram, ao todo, 18 encontros, com uma hora de duração cada um, durante o horário das aulas, com periodicidade semanal. Esses encontros foram na própria sala de aula em que os participantes cursavam, no período noturno, o primeiro ciclo do ensino fundamental, na “EMEF João Maria de Araújo Júnior”, em Botucatu - SP.

O grupo contou com 30 alunos matriculados, além da professora-alfabetizadora e da pesquisadora-coordenadora. No entanto, devido a desistências e às faltas dos alunos, o número de participantes nos encontros era muito variável, oscilando entre 10 e 29 participantes. Os dias de chuva foram os que tiveram menor número de participantes, devido à dificuldade de acesso ao transporte escolar e os primeiros encontros, no início do semestre, foram os que tiveram maior número de pessoas presentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a proposta da metodologia adotada neste estudo, a pesquisa-ação-participativa, e tendo como referencial a educação ambiental crítica, o desenvolvimento deste estudo possibilitou a produção de conhecimentos em duas dimensões: conhecimentos acadêmicos e conhecimentos produzidos pelo grupo participante. Os conhecimentos acadêmicos referem-se à leitura que fazemos, resultado de observações e análises, do processo educativo ambiental vivido em parceria com um grupo de alfabetização de adultos. A outra dimensão, dos conhecimentos produzidos pelo grupo participante, referem-se ao resultado das discussões coletivas sobre as condições sociais do próprio grupo, em particular das relações existentes entre as histórias de vida dos participantes e a estrutura da sociedade em que estão inseridos,

considerando a dinâmica do atual sistema. Essas “histórias de vida” destacaram-se como produção coletiva do grupo, expressa por eles como fundamental característica do processo de conhecimento do grupo que nos propusemos.

Para o desenvolvimento deste estudo realizamos algumas atividades de construção de textos coletivos e individuais, orais e escritos, com o objetivo de resgatar as vivências dos sujeitos participantes, não apenas as vivências pessoais, mas também sociais, familiares e grupais, considerando as interações com o ambiente em que vivem. Além disso, essas atividades tinham também o objetivo de contribuir para o processo de alfabetização compreendido como um processo muito mais complexo do que o de decodificação da palavra escrita, como um processo de leitura do mundo. A reflexão sobre as relações estabelecidas entre os seres humanos e entre estes e o ambiente permeou todo o processo de produção coletiva destes textos, buscando um olhar crítico sobre a realidade vivida pelo próprio grupo.

Os textos produzidos nas atividades coletivas foram utilizados pela Professora do grupo nas atividades formais de alfabetização nas quais estão envolvidos estes sujeitos. Desta forma, nossas vivências puderam contribuir para que os alunos-alfabetizandos aprendessem a ler a palavra a partir de (re)leituras de suas próprias vivências e das vivências dos outros participantes do grupo. Assim, fundiram-se os objetivos da alfabetização de adultos e da educação ambiental: contribuir para a construção da autonomia e emancipação de um grupo socialmente excluído. Exclusão esta que, devido a uma rede complexa de fatores, negou o acesso à leitura, instrumento cultural básico a formação destes sujeitos, inclusive na perspectiva crítica e transformadora.

Os textos produzidos foram impressos em grandes cartazes e, por decisão do próprio grupo, ficavam fixados na parede da sala de aula. Além disso, os textos foram organizados por uma encadernação das folhas escritas pelos participantes, dois livros com os títulos: “Cuidando do Meio Ambiente” e “Nossas imagens”. Desta forma, conseguimos valorizar o trabalho realizado por todos e isso foi um incentivo para a participação neste estudo assim como no processo de aprendizagem relacionado a alfabetização. Nossas discussões e decisões acerca da produção coletiva dos textos contribuíram para que o processo educativo, inclusive em sua dimensão de leitura do mundo e da palavra, acontecesse de forma mais crítica. Vivenciamos aqui a importância do material didático como expressão de uma proposta pedagógica com perspectiva emancipatória, pois os textos trabalhados passaram a considerar a realidade dos

educandos, já que foram produzidos por eles próprios superando a tendência metodológica de usar apostilas prontas ou, até mesmo, livros utilizados na alfabetização de crianças. Assim, os participantes puderam “ler a palavra a partir da sua leitura de mundo”, como nos ensina Freire (1985):

“Em áreas cuja cultura tem memória preponderantemente oral e não há nenhum projeto de transformação infra-estrutural em andamento, o problema que se coloca não é o da leitura da palavra, mas o de uma leitura mais rigorosa do mundo, que sempre precede a leitura da palavra. Se antes raramente os grupos populares eram estimulados a escrever seus textos, agora é fundamental fazê-lo, desde o começo da alfabetização para que, na pós-alfabetização, se vá tentando a formação do que poderá vir a ser uma pequena biblioteca popular, com a inclusão de páginas escritas pelos próprios educandos.” (FREIRE, 1985).

Considerando que este grupo de alunos que não tem acesso à biblioteca da escola, pois esta encontra-se aberta apenas no período diurno, assim como a sala de computação, este material didático foi ainda mais importante para o aprendizado.

A preocupação com a tematização do ambiente no processo de alfabetização dos participantes esteve sempre presente: o livro produzido “Cuidando do Meio Ambiente” foi resultado da primeira atividade desenvolvida pelo grupo. O primeiro passo desta atividade foi a criação de uma história coletiva sobre o ambiente em que vivem, contada pelos participantes e registrada, por escrito, pela pesquisadora-coordenadora. É importante observar aqui que, tanto do ponto de vista da participação dos alfabetizandos quanto do ponto de vista da apropriação da leitura e da escrita, a estrutura do texto foi definida coletivamente. O relato de cada um dos participantes foi lido para que eles pudessem completar, modificar ou retirar informações. Depois que todos consideraram o texto concluído, cada frase foi impressa – por impressora - em uma folha de papel sulfite para que todos participassem do processo de ilustração: todos recortaram figuras de revistas e jornais para ilustrar o texto produzido. A encadernação final deste material resultou no livro, cuja história é:

Cuidando do Meio Ambiente

Muitas pessoas jogam restos de construção em terrenos vazios de outras pessoas. Tem gente que coloca fogo nesse lixo e muitas cinzas vão para o ar, isso suja o quintal, suja as roupas que estão no varal, faz poeira e faz mal para a saúde. Muitos rios de Botucatu estão contaminados com esgoto, mas tem rios e cachoeiras limpas.

As pessoas podem ajudar a melhorar nossa cidade. Elas podem juntar em uma sacolinha o lixo delas e não deixar perto do rio, elas podem plantar árvores nas calçadas, plantar árvores perto dos rios e também separar o lixo e dar para as pessoas da reciclagem, como uma forma de ajudar outras pessoas e a si mesmo. Se nós cuidarmos da natureza, no futuro nossos filhos viverão melhor, ou um pouco melhor.

Como esta foi nossa primeira atividade, a participação de todos ainda não foi a esperada: apenas alguns alunos-participantes – os mais desinibidos, expressaram de forma mais articulada a sua “leitura” do ambiente. Levando em conta essa dificuldade de participação, a atividade proposta em seguida foi diferente: a classe se dividiria em sub-grupos de quatro ou cinco participantes e cada um contaria para o seu grupo uma história sobre o lugar em que mora. Logo após, os participantes dos sub-grupos escolheriam uma dessas histórias e contariam para todos. Esta atividade repetiu-se algumas vezes, em diferentes encontros. Destaca-se, neste processo, o fato de que, embora a orientação tenha sido um relato sobre **o lugar onde moram**, predominaram nos sub-grupos e nas apresentações os depoimentos que se referiam às **histórias de vida** dos participantes.

Estes depoimentos foram espontâneos e, na maioria das vezes, acompanhados com muita emoção por todos. Foi possível perceber que havia semelhanças entre as histórias relatadas. O abandono familiar, a exclusão social e o sonho de aprender a ler e escrever foram os temas principais em praticamente todas as histórias de vida. Embora os alunos-participantes-ouvintes não fizessem comentários sobre os relatos durante as apresentações, podia-se perceber pelos olhares, gestos e, algumas vezes, lágrimas, a importância da história de cada um para o grupo, que foi muito acolhedor em cada um dos depoimentos. Então, acolhendo e sendo acolhidos, os participantes (re)construíram as suas histórias, em um processo de identificação com outros sujeitos que compartilhavam histórias de vida semelhantes.

Por iniciativa e decisão do grupo, os depoimentos foram impressos em cartazes e fixados na parede da sala de aula. Entendemos que esta iniciativa, assim como o que ocorreu com o texto coletivo, teve também o objetivo de colaborar com o processo de alfabetização do grupo, mas, representou muito mais do que isso, representou a vontade

do grupo em mostrar-se para todos, em “informar” a comunidade escolar de sua existência, enunciando-se como sujeitos sociais com suas histórias de vida.

Relacionando as histórias de vida e a vontade do grupo em enunciar sua existência, observamos como no processo de alfabetização, essas histórias de vida foram significativas. Segundo Paiva (2006), é necessário “aprender a ler e escrever com autonomia. (...) E (isso) exige, não só o domínio da linguagem escrita, mas também competência como leitor e escritor de seu próprio texto, de sua história, de sua passagem pelo mundo. Exige, ainda, reinventar os modos de sobreviver, transformando o mundo”. Foram significativas também porque compreendemos este processo educativo como um processo coletivo, compartilhado, que, como nos diz Brandão (2003) tem como objetivo a convivência social:

Alfabetizar não é ensinar a ler e escrever. Ensinar é permitir que as pessoas ampliem seus campos de diálogos com as outras pessoas dos seus círculos de vida através, também, do aprender a *ler e escrever*. A aquisição qualificada de habilidades funcionais de acesso e uso da palavra escrita é importante nesse processo de descobertas, mas não é a única aprendizagem essencial na alfabetização. (p. 219)

Então, se a convivência é parte importante do processo de alfabetização, como “objetivo” e como “conteúdo”, pudemos observar nas atividades desenvolvidas pelo grupo a importância dos sujeitos alfabetizando como sujeitos sociais e singulares, com histórias individuais e coletivas relevantes para suas relações ali estabelecidas.

Essas atividades nos mostraram também que o próprio processo de alfabetização era um tema relevante para o grupo. Desta forma, tivemos a oportunidade de aprofundar, coletivamente, a reflexão sobre alfabetização. Assistimos, para isso, um vídeo-documentário: “Paulo Freire: educar para transformar”. Esse documentário fala da vida de Paulo Freire, mostrando seu compromisso com as classes oprimidas, em especial com a alfabetização de adultos. Traz, também, depoimentos do próprio Paulo Freire, de seus familiares, amigos e estudiosos, relatando seu trabalho e suas convicções. Observamos que os participantes do grupo assistiram ao documentário com curiosidade, mas a participação na discussão não foi muito intensa. Apenas um participante comentou sobre a parte do filme que mais gostou, o momento em que mostrou uma aluna-alfabetizanda escrevendo: “tu já lê”. Para ele, esta passagem foi importante porque mostrou o sonho de todos que estavam naquela sala de aula: aprender

a ler e escrever. No entanto, os outros participantes aparentavam estar muito cansados naquele dia e ninguém mais participou.

Como o tema da alfabetização não foi esgotado com a discussão do documentário, no encontro seguinte, trabalhamos com o texto: “O ato de estudar” (FREIRE, 1985). Este texto, lido para o grupo de alunos-participantes, mostra, a partir da história de dois trabalhadores, que estudar é “assumir uma atitude séria e curiosa diante de um problema. Não se estuda só na escola”. Nesta atividade todos participaram com maior entusiasmo, “esquentando” uma interessante discussão. Um comentário de um dos participantes do grupo incentivou esta atividade: “estudar muda a vida da gente só, só é bom pra quem aprende mais, pros outros tanto faz”. Com isso, ele quis dizer que a alfabetização é importante apenas para o aprendiz, não sendo relevante para os outros cidadãos e, nem mesmo para o país. A maioria dos participantes, em princípio, concordaram com ele, mas depois, com o desenvolvimento das discussões, todos consideraram a influência deste fator nos diferentes contextos: nas relações familiares e profissionais do aprendiz, na intervenção junto à comunidade do bairro onde mora e, por fim, como consequência, a possível transformação da sociedade.

Então, com a intenção de articular ainda mais o processo de alfabetização com o processo educativo ambiental, foi proposta outra atividade. Para refletir coletivamente sobre o conceito de “ambiente”, cada participante deveria escrever em uma tarjeta de papel, utilizando poucas palavras, o significado de “ambiente”. Estas tarjetas foram fixadas no quadro negro e as respostas dadas pelos educandos foram o ponto de partida para a reflexão sobre ambiente. Como já era de se esperar, pois muitos estudos sobre isso têm sido realizados, para a maioria dos participantes o conceito de “ambiente” estava muito próximo do conceito de natureza a-histórica, harmônica e intocada. Como já esperávamos esta resposta dos alunos, nosso objetivo aqui não foi identificar o conceito que tinham, mas tomá-lo como ponto de partida para sua ampliação. Esta atividade, portanto, problematizou o ambiente incluindo as intervenções, históricas, políticas e sociais, do ser humano.

Compreendendo o ambiente de forma mais ampla, propusemos, como atividade deste estudo, a leitura do ambiente em que eles vivem. Para isso, os participantes do grupo trouxeram fotografias de suas casas, dos bairros onde moram, das suas famílias e alguns levaram, também, fotografias de viagens que realizaram. Estes encontros foram marcados por muita descontração, pois cada um mostrou as suas fotos para o grupo, explicando quem eram as pessoas que apareciam nas imagens e qual era o local em que

estavam e o momento que aquela foto representava. Nesta oportunidade, eles também apresentaram uma breve avaliação sobre o ambiente em que vivem, citando algumas características, como: rua asfaltada ou não, quantidade de móveis nas residências, materiais utilizados nas construções, etc. Embora nem todos tenham participado das discussões geradas a partir destas apresentações, surgiram muitas observações que apontavam para uma análise crítica das relações sociais estabelecidas no ambiente em que vivem. Foi muito interessante observar que nosso processo de discussão coletiva já expressava alguns resultados, pois estes sujeitos, pelo que expressavam neste momento, estavam tornando-se mais conscientes da realidade em que vivem. “Conscientes” no sentido de “tomar posse da realidade” e assim, pelo processo de desmitologização, desvelando a realidade para conhecê-la mais concreta e complexa, “para conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante”. (FREIRE, 1980).

Com a aproximação do fim do ano, a última atividade foi a organização de mais um livro: “Nossas Imagens”. Cada um dos participantes selecionou três fotos entre as que haviam trazido para a escola. Depois disso, cada um recebeu uma folha de papel reciclado com as suas fotos impressas e três linhas para que escrevessem sobre o ambiente representado. Mesmo com a orientação para que escrevessem sobre o ambiente em que vivem, nesses pequenos textos, todos os participantes referiram-se às suas famílias ou aos seus amigos. Entendemos que este é um ponto a ser melhor analisado no decorrer deste estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação ambiental e a alfabetização de adultos são processos educativos que podem contribuir - na perspectiva da educação dos sujeitos - para a construção de uma sociedade justa, em que a democracia esteja presente. Neste estudo, a pesquisa-ação-participativa, como uma metodologia de intervenção “com” o grupo e não “para” o grupo, foi utilizada e possibilitou a intersecção dos princípios destes dois processos educativos.

Neste grupo de homens e mulheres excluídos pela sociedade, o desenvolvimento deste estudo vem trazendo outra dimensão para o “aprender a ler e escrever”. Em processos que se somaram, a alfabetização e o olhar crítico sobre o ambiente e sobre as relações sociais foram desenvolvendo-se a partir de diferentes atividades. Para estes sujeitos, que geralmente não têm existência política garantida na sociedade, o interesse e

a valorização daquilo que são, trouxe à tona os seus valores, as suas experiências pessoais e os seus sonhos. A problematização da exclusão, a valorização dos sujeitos e o processo de alfabetização foram aqui tomados como eixos fundamentais da investigação e das ações educativas realizadas, desta forma, este estudo contribuiu para evidenciar a necessidade de tratar esses sujeitos alfabetizando em toda sua complexidade, incluindo-os, assim como suas relações sociais, como participantes ativos de um processo educativo cujo objetivo é a superação da marginalização.

Para todos nós, participantes deste processo, todos aprendizes, fica a vivência concreta de que o processo educativo e a busca pela transformação social são contínuos e não se encerram com a finalização deste estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SABER, A. N. (Re)conceituando educação ambiental. In: MAGALHÃES, L. E. **A questão ambiental**. São Paulo: Terra Graph, 1994.

ALVES, A. J. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo (77): 53-61, maio 1991.

BRANDÃO, C. R. **A pergunta a várias mãos**: a experiência da pesquisa no trabalho do educador. São Paulo: Cortez, 2003.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. 2^a ed. São Paulo: Atlas, 1989.

DEMO, P. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 3^a ed. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 11^a ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1985.

FREIRE, P. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3^a ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GUIMARÃES, M. Abordagem relacional como forma de ação. In: GUIMARÃES, M.(org). **Caminhos da educação ambiental**: Da forma à ação. Campinas, SP: Papirus, 2006.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de Indicadores Sociais – 2005**. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsoais2005/default.shtm>. Acesso em: 06 Fev. 2007

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Censo Escolar 2005*. Disponível em:

<http://www.inep.gov.br/basica/censo/Escolar/resultados.htm>. Acesso em: 12 Fev. 2007.

LOUREIRO, C.F. Educação ambiental e “teorias críticas”. In: GUIMARÃES, M.(org). **Caminhos da educação ambiental: Da forma à ação**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, S. F.; CRUZ-NETO, O.; GOMES,R.; MINAYO, M. C. S. (orgs). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 1, Petrópolis: Vozes, 1994. p. 9 a 30.

PAIVA, J. Tramando concepções e sentidos para redizer o direito à educação de jovens e adultos. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, v.11, n.33, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/php?script=sci_arttex&pid=S1413-24782006000300012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 09 Fev 2007. Pré-publicação: doi:10.1590/S1413-24782006000300012

REIGOTA, M. **Educação ambiental e representação social**. São Paulo: Cortez, 1995. (Coleção questões da nossa época).

SANTOS, B. **A universidade no século XXI**. São Paulo: Cortez, 2004.

SAVIANI, D. **A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas**. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico crítica: primeiras aproximações**. 4^a ed. São Paulo: Autores Associados, 1994.

TOZONI-REIS, M. F.C. A pesquisa em educação ambiental na universidade. In: TALAMONI, J. L. B. & SAMPAIO, A. C. (orgs). **Educação ambiental: da prática pedagógica à cidadania**. São Paulo: Escrituras Editora, 2003.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2000.

VASCONCELLOS, H. S. R. A pesquisa-ação em projetos de educação ambiental. In: PEDRINI, A. G. (org). **Educação Ambiental: reflexões e práticas contemporâneas**. 3^a ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

Janaina Michelini janaina.michelini@floravida.org.br

Marilia Freitas de Campos Tozoni-Reis mariliaedu@ibb.unesp.br